

**PRIORE, MARY DEL, AMANTINO, MARCIA (ORG). *HISTÓRIA DOS HOMENS NO BRASIL*.  
SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 2013. P.415.**

Marcel Arruda Furquim  
<marcelfurquim@hotmail.com>

Mestrando em Historia  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP  
<http://lattes.cnpq.br/8794450616261346>



Uma “*História dos homens no Brasil*” é composta por múltiplos perfis de homens, a tarefa de escrever um livro com esse objetivo passa pela reunião de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento das Ciências Humanas. Obra escrita a varias mãos, conta com a organização de Mary Del Priore e Marcia Amantino, tem como premissa realizar a escrita de uma história dos homens, enquanto “ser” construído por seu meio cultural, sujeito de uma sexualidade, também construída e modelada pelo tempo e espaço em que se vive. “” É acompanhar as práticas discursivas e não discursivas que produziram este ser... ”” (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.19). Assim, rompem com o machismo que inclui os homens como senhores e agentes históricos universais superiores aos outros grupos de gênero. As múltiplas abordagens em torno de se compreender os homens em diferentes épocas e espaços proporcionam para os leitores, leigos ou especialistas, um panorama de como ser um “homem” pode ser diverso, portanto a obra se configura por sua rica abordagem teórico-metodológica, cada qual apropriada para cada tema, recorte temporal e fonte de pesquisa. Abre um leque para amplificação desse campo de pesquisa ao apresentarem uma ampla gama de fontes e importante bibliografia para os interessados em estudar a história dos homens.

O foco principal da obra, além de discutir a masculinidade no decorrer dos tempos, segundo uma linearidade histórica, como uma figura que resistiu às mudanças e tensões nos mais diferentes períodos, não deixa de discorrer como em determinados momentos, operaram-se formas específicas de representá-la, em meio a uma descontinuidade histórica, cuja disposição e produtividade discursiva permitiram operar movimentos, caracterizações, mudanças e rupturas que ressoaram em diversos campos da sociedade, como a política, a cultura, a economia que em seu encontro produziram representações, sobre o que seria um homem ideal dentro de cada contexto histórico-espacial. Os textos são uma contribuição para os estudos sobre gênero que

objetivam construir uma historiografia menos misógina e heteronormativa. Por isso ““ é de homens sexuais e não universais que iremos tratar. Homens cuja masculinidade, longe de ser natural, foi socialmente construída [...]. De masculinidade confrontada com padrões de comportamento e representações do que era”” (PRIORI; AMANTINO, 2013, p. 11).

O livro possui itens iconográficos, que ilustram parte das pesquisas apresentadas e que contribuíram para exemplificar as discussões realizadas no interior de cada capítulo. Outro item bastante informativo está ao final do livro, após as referências bibliográficas com título de “Sobre os autores”, trata de pequenas apresentações, traçando um perfil de cada autor, importante para se identificar o lugar de fala de cada um deles, permite que possamos observar os vínculos teórico-metodológicos e institucionais partilhados entre os sujeitos autores.

No capítulo de entrada “Ser homem... Ser escravo”, Marcia Amantino e Jonis Freire retratam como o impacto inicial da colonização conjuntamente com seu sistema econômico ligado ao sistema da monocultura escravocrata, deixou marcas profundas para o “ser homem” dos escravos. Pode-se destacar o excesso de homens trazidos, pois estes eram os preferidos pelos traficantes negreiros, à consequência, a falta de mulheres na América Portuguesa. Outro fator de destaque é a questão da força, posse e violência. As relações não consentidas eram para alguns a única maneira de se conseguir uma mulher. Devido ao fato dos escravos serem em sua maioria compostos por indivíduos do sexo masculino, estes eram conseqüentemente os maiores envolvidos em fugas e raptos de mulheres, isso se constata pela análise dos anúncios de senhores que tentavam recuperar seus negros fujões. Esse desequilíbrio de gênero entre negros e negras se comprava com a predominância das mulheres alforriadas, favorecidas por práticas sexuais ou pela iniciativa econômica, muitas escravas prestavam serviços e repassavam partes dos ganhos aos seus donos, o que permitia um acúmulo monetário para a compra de sua liberdade ou de seus filhos, vale um destaque para o fato de muitas negras também comprarem a alforria de seus maridos.

“Entre homens e anjos: padres e celibato no período colonial no Brasil” investiga outro tipo masculino muito importante no Brasil colonial que tem relação com a Igreja Católica. Robert Daibert Jr. exhibe a prática masculina na colônia, na ótica dos clérigos que exerciam forte poder e influência. As grandes distâncias e a dificuldade das dioceses em fiscalizar o trabalho desses religiosos, propiciou uma ampla liberdade para ações que rompiam com a tradição

celibatária, condição para que se aproximassem dos anjos de Deus, seres representados pelo catolicismo como assexuados. Nessa terra com negras e índias para servi-los ao bel-prazer, os membros do clero também se deleitavam com as mulheres brancas, para isso, se valiam de seu poder para conseguir “favores sexuais” de seus rebanhos, as beatas, que viviam atrás dos padres. Através de relatos de cronistas, percebe-se que é no campo da sexualidade que se encontram as grandes polêmicas. Tais características da sexualidade do clero se evidenciam, a partir do século XVIII, antes disso, diversas dificuldades impediram uma maior preocupação da Igreja e de seus membros com o assunto sexualidade. A partir de então se verifica um esforço para implantação das reformas morais propostas pelo Concílio de Trento. A colônia passou a contar com uma legislação própria com crimes passíveis de punição, conjuntamente com uma rígida estrutura para fiscalizar e controlar os comportamentos dos membros da igreja. Dentre esses crimes, o que merece destaque pelo autor do texto, é o crime de solitação, ou seja, propostas amorosas ou sexuais por parte dos padres aos penitentes durante a confissão. Manipulando o bem simbólico da salvação para obtenção de benefício próprio. Muitas mulheres foram vítimas, sendo chantageadas a cederem para manterem suas confissões em segredo, ou sendo literalmente atacadas enquanto relatam suas experiências pecaminosas. Outro pecado muito combatido pelo tribunal do Santo Ofício, na colônia era a Sodomia que possuía diversas classificações penais, a chamada sodomia perfeita, a relação anal entre homens com a emissão de sêmen, era sua pior versão, levando muitos a serem condenados à fogueira. Também era comum a relação dos clérigos entre si, pois o isolamento e o convívio cotidiano favoreciam as práticas sexuais em segredo. Sendo que muitos preferiam entrar para a vida religiosa, pois poderiam recusar mulheres, sem levantarem suspeitas. Outros procuravam se relacionar com rapazes, meninos ou escravos. Por fim, encontramos o crime de amancebamento e de adultério, que respectivamente, consistiam em manter relacionamento com mulheres solteiras e protegê-las, até mesmo constituir família em segredo, e o segundo, em se aproveitar das distrações dos maridos que deixavam suas esposas em constante contato com os padres.

Com tantos relatos de violação da castidade, há espaço para se destacar que muitos clérigos que se esforçavam para resistirem a todos os crimes citados anteriormente. Como consequência foi elaborada um grupo de saberes e técnicas foram desenvolvidas, para auxiliarem, aqueles que acreditavam no celibato. Causas de conflitos entre os membros da Igreja na colonização entre os jesuítas e o clero secular diocesano. Os membros da Ordem de Jesus viam

nos seculares o centro da corrupção e devassidão que assolavam a Igreja na América Portuguesa. Para garantir que não se sucumbissem à carne, toda uma literatura foi produzida para que se educassem os membros da Ordem, depois foi passado para outras ordenações católicas, como controlar seus instintos, escaparem das tentações, compondo uma verdadeira pedagogia do corpo dos membros da Igreja.

Eduardo Schnoor, em “Riscando o chão: masculinidade e mundo rural entre a Colônia e o Império”, aborda o grupo masculino composto pelos homens brancos livres, sobretudo os herdeiros dos grandes fazendeiros, que no século XVII, deviam conhecer uma mulher antes dos 12-13 anos. Ter sífilis, nesse período da vida, dava aos “ioiôs”, a imagem de homens, possuir uma mulher sexualmente fazia um garoto tornar-se homem feito. Com o avanço das estradas e a maior circulação de pessoas e mercadorias durante o século XVIII, notamos que a masculinidade passa a teatralização em lugares públicos, criando assim a necessidade do macho feito exibir outras performances. Na sociedade patriarcal, a obediência era um ponto fundamental, um homem devia ser obedecido por seus subordinados e escravos, uma autoridade inquestionável, forjada na maioria das vezes, através da violência.

A importância de uma história dos homens, partindo da premissa da sexualidade, do gênero, se prova novamente fascinante, um veio rico para pesquisas da história do Brasil. O fato de cruzar os impactos da economia no comportamento e na sexualidade dos sujeitos durante a colônia, em seu texto Schnoor, constrói a relação das mudanças sociais ocasionadas na Colônia no contexto da descoberta do ouro em Minas e a corrida para o interior, para as regiões do sertão como Goiás e Mato Grosso. A consequente mudança do eixo econômico-administrativo colonial para Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, propiciou o surgimento do tropismo, ou seja, o transporte de cargas e mercadorias, dos portos para o interior e vice-versa. O tropismo era uma atividade altamente lucrativa e somente ricos comerciantes com grandes riquezas possuíam condições de tal empreitada. Esse foi o principal rito de passagem para os jovens durante fins do século XVIII e início do século XIX. Os arranjos familiares da elite orbitavam em torno da lavagem de honra, casamentos forçados, gravidez escondidas, fatos corriqueiros na colônia, sobretudo, para uma aristocracia agrária que presava a manutenção de seu *status*, tratavam o casamento como uma aliança estratégica, cercada por diversos interesses, um negócio. Outra característica dessa sociedade estava no fato dos bastardos da elite, serem considerados, “normais” e em diversas

situações foram aceitos e reconhecidos, fossem no batismo, fossem nos testamentos, esse tipo de reconhecimento era diverso e existiram em diversos graus. Apesar dessas transformações, o patriarcalismo apresentado por Gilberto Freyre, ainda permanecia intocado, sendo que os bastardos só seriam legitimados caso o patriarca assim reconhecesse.

A relação da masculinidade com a sociedade, com a cultura em seus múltiplos contextos se confirmam a cada texto do livro. No quarto capítulo, Victor Andrade de Melo em “Novas performances públicas masculinas: O esporte, a ginástica, a educação física (século XIX)”, constata, o papel da educação física, da ginástica e dos esportes como importantes ferramentas disciplinares para a construção dos corpos masculinos. Esse tipo de instrumento foi considerado de vital importância para forjarem homens viris, fortes, de caráter inquestionável para a construção do Império brasileiro. Logo após a sua independência, fase em que a sociedade brasileira criou diversas instituições que visavam fomentar o sentimento de nação. A imposição de formar um exército com a Guerra do Paraguai levou à necessidade de produzir corpos e espíritos valentes. Graças a essa demanda, o ensino de educação física e a prática esportiva para a formação dos jovens passaram a serem discutidas amplamente, principalmente no âmbito médico. Outro fato que auxiliou o fortalecimento da educação física foi a imigração e os diversos estrangeiros que passaram a lecionar tanto no Colégio Pedro II, como também de forma particular para os filhos da elite imperial. O exército também se valeu da experiência estrangeira e adotou o manual do exército prussiano. Concomitantemente, ocorre o surgimento do campo esportivo no país, a partir do final da década de 1840. Com a estruturação do turfe como esporte preferido da elite e dos populares, as corridas tornaram-se grandes eventos. Numa sociedade tão preocupada com o *status* e o desempenho em público, o turfe ainda era um esporte de elite que valorizava o pouco esforço físico, assistir corridas envolvia pouco movimento corporal. Com o avanço da urbanização e o higienismo modernizador, o turfe foi sendo visto como um esporte ultrapassado, pertencente a um Brasil atrasado, rural e aristocrático, o contraponto disso, era o Brasil moderno, industrial e burguês que encontrou no remo seu novo esporte e no corpo suado, robusto e exposto ao ar livre o símbolo para o belo biótipo masculino.

A grande importância disso reside no fato que com a mudança do rural para o urbano, novos espaços para “se mostrar” homem se modificaram, as habilidades necessárias agora são outras, devido a essas mudanças nos espaços de *performances* sociais, o esporte serve de

canalizador para a domesticação e palco para a exibição da virilidade. Disputar, vencer, ser mais forte, a comparação de corpos serviu de parâmetro para a consolidação dum modelo de corpo masculino, assim, consolidou-se a relação entre a institucionalização de práticas corporais e a construção de ideais de masculinidade.

Ainda tendo o século XIX como pano de fundo, Mary Del Priore em ““ Pai ontem: transformações da paternidade no século XIX”” enfrenta o desafio do estudo da figura paterna, figura masculina por excelência, seu nome, “Pai”, remetia ao sagrado, a criação, ao eterno. Porém o que se denota, são as dificuldades e as multiplicidades da figura paterna nesse período, a sua ausência era sua característica mais definida, trazia também uma gama de “tipos”, o senhor de engenho, o pequeno lavrador, o mascate, o negro escravo ou alforriado, o ladrão e o desconhecido, ocasionados pela enormidade de bastardos que formavam a sociedade desse período. Apesar da ausência de afeto entre pais e filhos, poderia parecer sinal de fraqueza, a importância da figura paterna, se afirmava com o sistema patriarcal, o pai, representava poder e sua lei devia ser obedecida, caso a sua honra estivesse em jogo, esse tinha o direito legal de tirar a vida daquele que atentasse contra sua honra, fosse filho, filha, esposa ou outrem, esse era o poder do senhor, do patriarca, a base do *status quo* do sistema colonial e da política do império. Ser pai significa ter poder de vida e morte sobre sua família. As profundas transformações econômicas do século XIX levaram a urbanização, iniciada na primeira regência, se aprofundou a ponto de transformar a vida e a intimidade das famílias, principalmente a elite. O surgimento dos sobrados e o fato do mundo do trabalho ter levado os homens para locais externos a sua morada, caracterizavam o novo quadro da família burguesa do século XIX brasileiro, do pai que sai para trabalhar e a esposa que zela pelo lar e a educação dos filhos, os quais passariam a ter parte dessa educação nas escolas que surgiam em considerável número no período. O advento da república, conjuntamente com os avanços científicos, pretendeu remodelar a ordem social e transformaram a honra, a paternidade e a virilidade em uma questão pública de interesse da nacional, portanto, a ser gerida pelo estado.

Na conjunção dos cinco textos analisados até aqui, se percebe a maneira como a sociedade colonial e imperial foram produtoras de fluxos capazes de modelar e ditar condutas masculinas. O fim do século XIX adiante, períodos que serão tratados no decorrer da obra, tem na urbanização e modernização do Brasil a criação de diversas instituições, produtoras de novos modos de se praticar a masculinidade.

Lugar específico de diferenciação entre os homens, a moda é estudada em, ““ O que eles vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil ““, escrito pela historiadora Márcia Pinna Raspanti, identifica a importância que a moda tem na construção da masculinidade. A indumentária é um fator que diferencia o *status* entre os homens que ela transmite de forma simbólica e coloca o sujeito em identificação no espaço público. Dos gibões dos séculos XVII e XVIII, até a camiseta e o jeans contemporâneos, certa dose de vaidade, preocupação com a moda, sempre estiveram presentes na mentalidade masculina fosse para representar a sua classe social, para demonstrar poder e riqueza, para se sentir belo.

Dentro do objetivo de uma história dos homens com uma abordagem regionalizada, com destaque para a importância da territorialidade na construção e exercício de práticas masculinas, Antônio Emilio Morga, com o texto intitulado, ““ Masculinidade em Nossa Senhora do Desterro e Manaós: territórios e ardis ““tratando cotidiano, das aventuras, dos sujeitos masculinos em suas artes de fazer através do uso de fontes, como periódicos e relatos de viajantes. Durante a segunda metade do século XIX, essas cidades foram palcos de diversos modos dos homens se relacionarem entre si e com as mulheres. As dificuldades em conseguir um espaço de namoro, o contato era feito nos eventos públicos, lugares de troca de flertes e paqueras, fato que chegou a escandalizar viajantes ao observarem a fofoca, as trocas de olhares e carícias de casais durante as missas. Entre essas tentativas de conquistas era importante ter muito cuidado para não se envolver com mulheres casadas, notícias de brigas e atos violentos por causa de ciúmes ou orgulho ferido eram constantes nas manchetes dos jornais estudados pelo autor do texto. Indo além, ficam explícitas as visões que a burguesia tinha, em seu processo de higienização, pois, reprovava e condenava comportamentos de homens que se entregavam aos vícios, da bebida, noitadas, jogatinas, atitudes que eram sinônimos de vadiagem, tais práticas não condiziam com o ideal moderno e produtivo da burguesia do período.

““ Masculinidade e virilidade entre a *Belle Époque* e a República ““ continua a traçar os passos que as mudanças e permanências em “ser homem” tiveram na história brasileira, elaborado por Denise Bernuzzi de Sant’Anna, está centrada, na virilidade, na necessidade de ser macho destemido, que não vacila diante de nada, covardia é sinal de homem efeminado. Com a urbanização, novos modelos de masculinidade e de virilidade passaram ser valorizados. A virilidade rural deu lugar para um a virilidade urbana, burguesa. Essas mudanças são acentuadas

pelo período conhecido na historiografia brasileira como *Belle Époque*. Dentre suas características a construção de um novo padrão de masculinidade. A vida urbana e os inventos da Segunda Revolução Industrial produziram um contraste entre a virilidade pautada na força bruta e um novo contexto, onde quem faz força são máquinas. O novo homem agora preocupasse em ter um corpo elástico e preparado para operar máquinas, que passam a ser consideradas extensões do corpo masculino. A virilidade é exercida e exibida como *performance* e como palco principal, as atividades esportivas que mediam a virilidade e também a consolidam. Outro fato de exibição da masculinidade estava na posse e no porte das modernas pistolas *Colt*, garantia de defesa do homem e de sua família.

O nono capítulo foi escrito por Vitor Izecksohn, tem o título de “Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil”. O autor faz um recuo no tempo para apresentar como funcionava o serviço militar e o recrutamento do exército brasileiro, instituição nova, fundada no Império. A jovem nação brasileira necessitava garantir sua defesa contra inimigos internos e externos. Instituição de homens, máquina estatal que formava suas fileiras armadas, através do uso do recrutamento forçado, voltado para limpar a sociedade de elementos indesejados e evitar que honrados homens de família deixassem órfãos para trás. O curioso era que as prisões eram os lugares de morada desses recrutas, juntamente com os criminosos de todas as espécies. Esse sistema possuía muitas falhas, seja por recrutar os “homens de bem”, seja pelo fato de que dificilmente se consegue uma estratégia e uma moral de combate adequadas, tais quadros estavam mais preocupados em fugirem do que lutarem as guerras. Com tempo de serviço que chegava até nove anos, não eram todos que entravam no recrutamento. Diversos setores contavam com isenções e facilidades, de acordo com a profissão e o estado civil. A Guerra do Paraguai modificaria essa estrutura. Manifestações de apoio ao exército na opinião pública e o sentimento de um inimigo em comum, levaram muitos a se alistarem de forma voluntária, setores importantes da sociedade adentraram as Forças Armadas. Muitos dos voluntários enxergavam nas pensões, nas distribuições de terras em colônias agrícolas, na propriedade de entrada no serviço público, um meio de subir ou manter seu *status* na sociedade, dependendo do caso. Após os cinco anos de duração do conflito armado às deficiências e limites do recrutamento forçado se mostravam ineficazes para as guerras modernas, onde o exército é a representação da nação em armas. Com a República e a ascensão dos militares ao poder, ocorreu uma reforma militar, onde a visão sobre o serviço militar agora se voltava para o

dever cívico. A partir de 1916, a solução encontrada passou a ser o pagamento de soldos justos, e o recrutamento por sorteios.

A virilidade nascente no pós-guerra foi o tema abordado por Angélica Müller em, ““ Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos anos 1968””. Ano de grandes transformações e da estruturação duma cultura dos jovens, teve o desenvolvimento da cultura de massas e da indústria cultural, uma efusão de modelos masculinos que saltavam aos olhos da juventude mundial. Desde os modelos rebeldes do cinema de Hollywood, como Marlon Brandon e James Dean, do *rock’n roll* estadunidense, até aos artistas da Jovem Guarda aqui em terras tupiniquins. As lutas políticas também apresentavam seus modelos rebeldes ligados à revolução internacional e as guerrilhas, como Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, exemplos de símbolos que se difundiram na cultura mundial pelas facilidades da mídia. O que parecia natural, imutável se quebrou e novos papéis sociais e modelos de vida entraram na pauta de reivindicações dessa juventude. Apesar dessa grande renovação no pensamento que foi a contracultura herdeira desses movimentos de 68, o que se nota são as dificuldades dos homens, ditos revolucionários, que lutavam contra essa sociedade hipócrita, em aceitar de fato a igualdade entre homens e mulheres. Outro fator de peso nesse recorte temporal está na maciça ascensão e entrada das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho. A Segunda Onda Feminista questionou definitivamente a virilidade como atributo natural do homem, considerada um produto de diversos fatores culturais, a virilidade também passou ser reivindicada como atributos para as jovens mulheres que visavam ser independentes.

Se “ser homem” é um atributo construído, um instrumento da indústria cultural muito difundido e usado para a formação de modelos masculinos se encontra nas revistas masculinas, objeto de análise de Marko Monteiro no capítulo, ““ Masculinidades em revista: 1960-1990””. Esse hiato temporal está carregado de transformações profundas, consequências do impacto do feminismo e da inserção das mulheres em diversas áreas do mercado de trabalho. Nesse contexto de transformações socioculturais foi possível a constituição de novas identidades sexuais, que acarretaram uma fragmentação e puseram em questão os modelos tradicionais de “ser homem”, impondo novos modelos de identificação da sexualidade masculina, na sociedade ocidental. Encontramos o surgimento do debate nacional sobre as sexualidades masculinas e femininas dissonantes, ou seja, homossexuais, bissexuais, transexuais, etc. As revistas foram a

partir dos anos de 1970, uma fonte de pesquisa recorrente nas Ciências Humanas e um espaço privilegiado de debates e representações de gênero, com foco principal voltado para as revistas femininas. Devemos, portanto, considerar as revistas masculinas brasileiras como fontes de pesquisa para a análise historicamente orientada de estilos de vida, padrões de consumo, modelos de identificação genérica e pedagogização dos corpos dos sujeitos. Desta forma, se faz necessário um olhar atento para a mídia como sendo atualmente um dos mais importantes equipamentos sociais produtor de esquemas dominantes de significação e interpretação do mundo, os meios de comunicação “falam pelos e para os indivíduos” (GUATARRI; ROLNIK, 1985, p.58), possuem em seus esquemas de transmissão indicações de como e o que pensar, como e o que sentir como agir e se portar perante as questões impostas pelo cotidiano (SWAIN, 2006), sobretudo, a mídia segmentada por gênero.

O impacto da revolução sexual dos anos 60, o movimento *Gay Power* ocasionaram transformações importantes a partir dos anos de 1970 nas formas dos homens verem a si mesmos. Os estudos sobre o feminismo e da História das Mulheres criaram “um novo modo de existência, mais integrado, desfez oposições binárias (...) e tem operado no sentido de renovar e reatualizar o imaginário político e cultural de nossa época” (RAGO, 2004) descaracterizaram os homens como sujeitos universais, abrindo caminho para o estudo sobre as masculinidades, nesse espaço emerge o campo de estudos conhecido como *Men's studies*, com forte tradição anglófona (BADINTER, 1993). Surgido nos anos 1970, esse campo de estudo tem como característica ser pluridisciplinar e têm como premissa destacar os homens enquanto portadores de uma sexualidade culturalmente construída. Portanto, constatamos como os padrões de masculinidades, tanto os heterossexuais como os homossexuais são produzidos pelos periódicos supracitados. Além de demonstrar a transformação do masculino em objeto de consumo e como objeto de desejo, como corpo a ser apreciado e para dar prazer.

Por fim a masculinidade contemporânea é o assunto do texto final, “Aqui tem homem de verdade. Violência, força e virilidade nas arenas de MMA”, de Joana de Vilhena Novaes, logo no início temos a constatação da masculinidade como produção discursiva, que modela atitudes, comportamentos e sentimentos. Aqueles que seguem esse modelo discursivo podem ser considerados “homens de verdade”. As academias de luta, locais quase que exclusivamente masculino, o forte cheiro de suor e testosterona dão a marca do ambiente

fortemente viril. Com a desconstrução do masculino, homens passaram a encontrar dificuldades em se identificarem com os novos modelos propostos, como uma das consequências desse processo a violência e avalorização de outros atributos que ganharam em importância nesse fazer-se homem, no caso dos lutadores, o corpo é o portador desse *status* de poder, ou seja, um capital. A disciplina e a rigidez dos treinos premiam os lutadores que por mérito conseguiram os ditos corpos ideais. São sujeitos que se fazem dentro de um ambiente altamente competitivo, hierarquizado e disciplinado. São sujeitos vencedores, homens de verdade.

A modernidade brasileira do século XX leva a compreender um processo de produção de novos dispositivos sociais disseminadores de novos discursos produtores de subjetividades que induzem a uma maior individuação. O que se percebe, nesse segundo momento da obra, é que os discursos centrais da modernidade, estiveram voltados para a constituição de uma identidade individual, centrada em um modo de produção de subjetividades que implicam escolhas de estilo de vida. Moda, revistas de consumo e a violência, passam a servirem de referenciais para autorreflexão e constituição das masculinidades dos sujeitos, Albuquerque Júnior, (2013, p.40), relata o impacto que a urbanização trouxe para a perda das antigas identidades, o anonimato “favorece o desprendimento dos antigos lugares de sujeito e a fabricação de novas identidades, que rompem, inclusive, com as hierarquias sociais cristalizadas. O sujeito se psicologiza ao mesmo tempo em que se destradicionaliza aumentando a sua insegurança existencial. ” “Esse processo de individuação favoreceu o fazer a si mesmo, que passou a operar, não mais preso ao modelo tradicional de masculino e feminino, mas a partir de uma ética própria de si captada de diversos dispositivos, com destaque na obra para à mídia, como difusora desses discursos.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, *Nordestino: a invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

BADINTER, E. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GUATARRI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1985.

RAGO, M., *Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos*. 2004. Disponível em: [http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo\\_e\\_subjetividade.pdf](http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Feminismo_e_subjetividade.pdf).



*Artigo recebido para publicação em 26 de junho de 2015  
Aprovado para publicação em 21 de novembro de 2015*

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO?

FURQUIM, Marcel Arruda. PRIORI, Mary Del, AMANTINO, Márcia (Org). *História dos Homens no Brasil*. São Paulo: editora UNESP, 2013. p. 415. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 15, n. 02, p. 196-207 de 207, jan./jun., 2015. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >